

## POLITIZAÇÃO E UTOPIA NO DISCURSO SOBRE O URBANO

Marcos Paraguassu de Arruda Câmara\*

### RESUMO

O artigo busca caracterizar os traços principais do discurso científico sobre o espaço urbano, tanto o influenciado pelo positivismo quanto o que se vinculou à dialética. Este discurso acha-se, hoje, dissolvido entre diversas disciplinas, incapaz de limpar seu entulho conceitual e criar novas categorias adequadas, quer para a realidade atual, quer para a realidade histórica ou para sua extensão em direção ao futuro, envolvendo utopias que reunifiquem cidade e política, polis e civitas, praça e povo.

O discurso científico sobre o espaço urbano, dissolvido entre diversas disciplinas e influenciado pelo positivismo, não foi capaz de gerar conceitos e categorias adequadas à sua análise, o que não significa que não tenha aprofundado o conhecimento do seu objeto.

Para que pudesse gerar essas categorias, seria preciso que desvendasse o caráter de exploração que as classes dominantes exercem sobre a sociedade como um todo e permitisse a transformação do trabalhador em cidadão, com direito e poder de modificar a realidade política e social. Isto significaria, necessariamente, defender o suicídio ideológico destas mesmas classes, interessadas em perpetuar seu modo de organizar a sociedade e, portanto, desinteressadas em defender políticas enquanto expressões da vontade coletiva, pois estas expressariam também a vontade das classes dominadas ou subalternas.<sup>1</sup>

\* Arquiteto. Professor da Faculdade de Arquitetura da UFBA.

FIG.1 (pág. ao lado): Mapa dos arredores da salina de Chaux, de C.N. Ledoux, em 1775

Biblioteca Nacional de Paris

Por estas razões, o discurso sobre o espaço construído restringiu-se ao formalismo estético e não foi capaz de superar a ruptura entre o cenário físico e os processos sociais. O discurso geográfico, por sua vez, mascarou estratégias políticas para o domínio de territórios e teve o papel de justificar a expansão capitalista. O discurso econômico associado a este último centralizou-se em teorias de localização que facilitaram a organização do capital, mas pouca ou nenhuma preocupação tiveram pelas questões referentes à reprodução da força de trabalho, tentando apenas incorporar variáveis espaciais para otimização dos lucros da economia privada. E o discurso sociológico, quer tratando a cidade como variável dependente, quer como independente, tentou misturar as classes sociais como se fossem esquadrões uniformes, ocultando, desta forma, as contradições que caracterizam os modos de urbanização. Especificamente, o discurso sociológico da escola de Chicago deu poderes à cidade de induzir modificações no comportamento e cultura de seus cidadãos, fornecendo argumentos ao discurso antropológico da modernidade para que a transformasse, através do estudo de *ghettos* e redes, em um mosaico de territórios isolados entre si.

A renovação destes discursos, com a aplicação do método dialético, ensaiou a superação destes desvios. O discurso influenciado pela dialética sobre o urbano não é, entretanto, uma panacéia e gerou, também, algumas aberrações. O método dialético, tanto no plano histórico, quanto no plano lógico, não foi capaz de reunificar epistemologicamente as diversas disciplinas, cujas pesquisas se separam formalmente, nem de limpar o entulho conceitual que predomina nas formulações teóricas sobre a cidade das contradições entre o capital e o trabalho, a cidade dos conflitos entre a submissão e a revolta em cada processo social, a cidade dos saberes e da ignorância, a cidade da memória e do futuro, a cidade que se contrapõe à natureza e cria sua própria imagem ambiental, alienada e orientada para destruição existencial.

As novas propostas de discursos sobre o espaço construído, por exemplo, que tentam relacionar a morfologia dos espaços construídos com a sua produção, com os processos sociais e políticos ou com o comportamento humano, esbarram ora numa postura de crítica pela crítica, ora numa postura de aceitação e reforma do *status quo*.

Uma das novas propostas do discurso geográfico, em sua tentativa de se colar à economia política, acentuando a questão

da posse e propriedade do solo, conseguiu intruzidir a história sem, no entanto, abrir caminhos para o futuro. Sua principal conclusão foi de que em todas as formações onde predomina a propriedade fundiária, as relações do homem com a natureza ainda deveriam ter caráter prioritário na luta política, enquanto naquelas onde o capital já domina, prevaleceria a luta pela transformação do elemento social, produzido ao longo da história, recolocando a formação urbana no plano econômico-social.

Proposta interessante do discurso sociológico, por sua vez, é a que tenta colocar o centro do estudo sociológico sobre a cidade na contradição entre submissão e rebeldia em cada processo social urbano específico.

As tendências teóricas destas propostas passam, portanto, pela investigação de uma série de aspectos característicos da cidade moderna, quer em países de economia capitalista avançada ou dependente, tais como: produção e consumo do espaço urbano, em geral; domínio do funcionamento do capital na produção de bens e serviços urbanos; propriedade, renda do solo e mercado imobiliário; relações econômicas entre este setor e o Estado; relações entre custos da terra e custos de urbanização; políticas urbanas relacionadas com o caráter de classe do Estado; relações sociais e de poder; movimentos sociais urbanos, etc.

Qualquer que seja o tema abordado, estas propostas devem passar também pela limpeza do entulho conceitual e pelo desnudamento epistemológico e metodológico oriundo do positivismo, *pari passu* à criação de categorias adequadas para enfrentar esta tarefa que, no momento, são incapazes de levar adiante.

O método dialético, no plano histórico, também não foi bem aplicado para explicar, por exemplo, a questão urbana da realidade brasileira, a começar pelo seu contexto. Neste sentido, sob sua inspiração, deu origem a vertentes as mais díspares, desde a que propugna a predominância de uma formação econômico-social determinada pelo modo feudal ou semifeudal de produção até a que defende o modo de produção capitalista com suas mais diversas variantes.

Mesmo sem entrar no mérito, é evidente que a opção por esta ou aquela formação decididamente influencia a análise do modo de urbanização, quer no que diz respeito, por exemplo, à

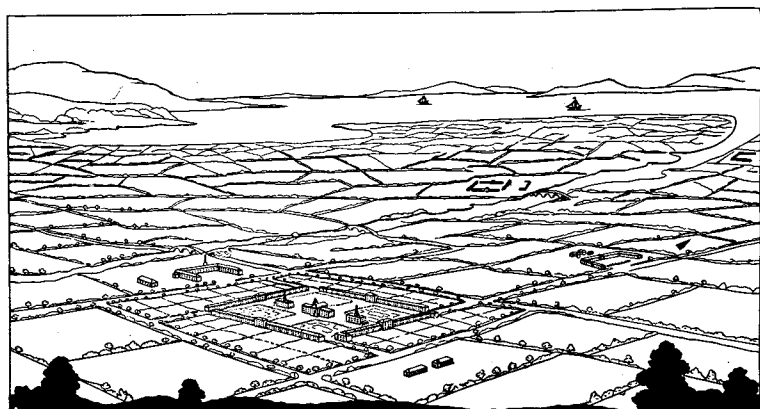


FIG. 2: Uma "aldeia de harmonia e cooperação", esboço no relatório de Robert Owen, de 1817

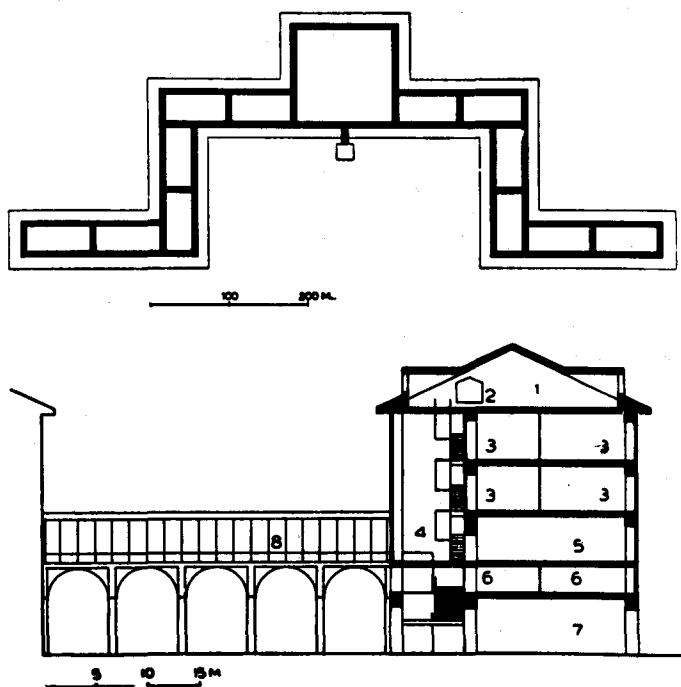


FIG. 3: Planta e corte esquemático do Falanstério de Charles Fourier, extraída da descrição de 1841

sua distribuição no território, quer no que diz respeito a aspectos intra-urbanos.

Mais grave, no entanto, são os aspectos propositivos e escatológicos do discurso sobre o urbano. Quer utilizando o instrumental do positivismo, quer utilizando o instrumental da dialética, longe está de sugerir, com suficiente clareza, uma realidade urbana que, em futuro próximo, permita a unidade entre o cidadão e a cidade, entre a *polis* e a *urbis*, a política e seu lócus original: a praça do povo. Entendemos que esta unidade foi rompida, na tradição ocidental, desde o período da Cidade-estado, quando *civitas* e *polis* expressavam um modo de habitar e uma forma de participar, unindo, no berço etimológico, cidade e política. Na democracia grega, a política era expressão de uma vontade coletiva que se fundamentava na filosofia, e, na cidade grega, a filosofia e a política foram desenvolvidas em plena praça pública. Tal situação foi destruída com o modo feudal de produção, momento em que as cidades-burgo passaram a gestar territorialmente os Estados-nação, e a política passou a ser a expressão dos interesses de classe, principalmente das classes dominantes.

Defendemos, assim, a tese de que uma restauração da política, enquanto vontade política, passa pela reunificação do cidadão com a sua cidade, tornando-se, portanto, necessário estender o discurso científico do urbano para o futuro, o que significa, sem dúvida alguma, estender este discurso sobre a utopia.

Em sua origem, utopia significava um não-lugar e simultaneamente um lugar: um universo fisicamente fechado, uma ilha, uma cidade, o lugar do nada, a semente da esperança, o lócus do ideal abstrato, o modelo físico do sonho e da imaginação, que traduzia o querer do homem, o seu desejo por uma verdadeira identidade sem os laços da luta pela sobrevivência sob um regime de exploração, o reino de sua liberdade, a mansão final de sua plenitude.

Não concordamos com os argumentos frios de que a contradição entre a poesia e a realidade, entre o mundo cotidiano do caos e o mundo remoto da liberdade não possam ser discutidos à luz de conceitos e categorias científicas, extraídas do real. Por esta razão, concordamos com Bloch que tenta reintroduzir a utopia no centro do pensamento marxista<sup>2</sup>. Como diz Cioran: "*A sociedade que não é capaz de produzir uma utopia para o mundo, e de sacrificar-se por ela, está ameaçada de esclerose e de ruína*"<sup>3</sup>. E, até prova em contrário, a escatologia marxista, em suas tenta-

tivas de modificar a realidade histórica do século XX, não deixou de ser menos utópica que o universo fabuloso de Charles Fourier.

O discurso sobre a utopia sempre foi, sem dúvida, um prolongamento fascinante do discurso sobre o urbano, desde Platão, voltado para a formação de seres humanos virtuosos, passando pelos discursos dos primeiros críticos do capitalismo e dos primeiros socialistas, até o discurso ingênuo da ficção científica e da nova ecologia. O sociólogo George Duveau vê na utopia "o centro de toda teoria social, mesmo e mais objetivamente, desde o momento que esta se apresenta como especulação sobre a cidade do futuro"<sup>4</sup>.

Há quem ache que o utopismo desapareceu em fins do século XIX, esmagado exatamente pelo socialismo científico. Não é essa nossa opinião. As correntes enterradas do utopismo foram: o utopismo retrógrado e religioso (Campanella, Rousseau, La Bretonne), o utopismo romântico (Saint-Simon, Owen e Fourier), o utopismo anárquico (Deschamps, Godwin), o utopismo literário (Bacon, Rabelais, Swift, Voltaire, etc.), o utopismo da ficção científica (Isamov, Ursula Le Guin, Robert Heinlein, Frank Herbert, etc.). Mas jamais foi enterrada, entretanto, a discussão central das formas utópicas verdadeiras, ou seja, o homem e o seu trabalho. No utopismo permanece um valor ético, uma "invenção quase cotidiana da felicidade"<sup>5</sup>, permanece o ideal da sociedade libertária, o ideal comunitário, o desejo de um homem novo. Não é à-toa que, embora fugindo ao desenho de uma sociedade perfeita, os autores marxistas referem-se à extinção dos males coletivos e à construção do homem sadio, alegre, tranqüilo e honesto.

Adolfo Sánchez Vásquez, filósofo espanhol, traça as seguintes teses não-utópicas sobre a utopia<sup>6</sup>:

- a) A utopia é uma representação imaginária de uma sociedade futura.
- b) A utopia não é somente a antecipação imaginária de uma sociedade futura, mas de uma sociedade desejada que, além disso, se deseja realizar.
- c) O desejo de realização não garante a realização em si. A utopia é uma idéia não realizada, realizável aos olhos do utopista, mas definitivamente irrealizável.
- d) A utopia é uma construção imaginária da sociedade futura, mas tem suas raízes no presente.
- e) O utopismo é um produto histórico necessário.

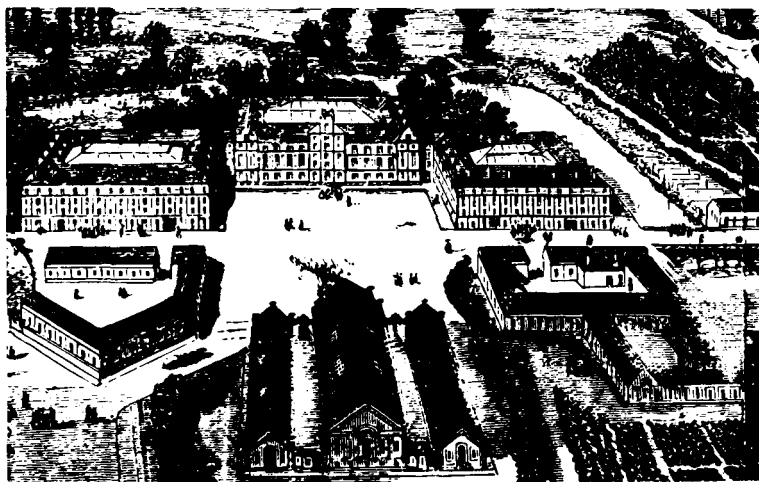


FIG. 4: Vista geral do Famifistério (Guisa) de Godin, publicada em 1870

- f) A utopia não apenas tem suas raízes no presente, mas ainda constitui, como construção imaginária, uma relação particularmente ilusória com ele.
- g) Como forma de ideologia, sem deixar de ser a antecipação imaginativa de um mundo irreal, a utopia tem uma existência real, efetiva; a utopia é, simultaneamente, *topia*.
- h) A utopia, como idéia não realizada e como prática utópica, implica certa destruição da unidade da teoria e da práxis.
- i) A utopia revela um vazio que a ciência não pode preencher.
- j) A utopia é incompatível com a consciência do utopismo; a primeira condição para superar uma atividade teórica e prática utópica é tomar consciência de seu utopismo.
- l) Os utopistas limitaram-se a imaginar o mundo futuro de modo distinto; trata-se de construí-lo.

Sánchez Vásquez, no entanto, critica o utopismo como “*expressão de perda de contato com a realidade, sintoma de carência de conhecimento do real, além, também, de indicação de uma impossibilidade do que hoje não podemos fundar, nem realizar*”<sup>7</sup>.

Ainda que sejamos obrigados a concordar, em parte, com tais afirmações, não podemos esquecer, também, que o contato excessivo com a realidade, o conhecimento do real no limiar entre o subjetivo e o objetivo ou a indicação de possibilidades concretas para a transformação do mundo nem sempre estão dispo-

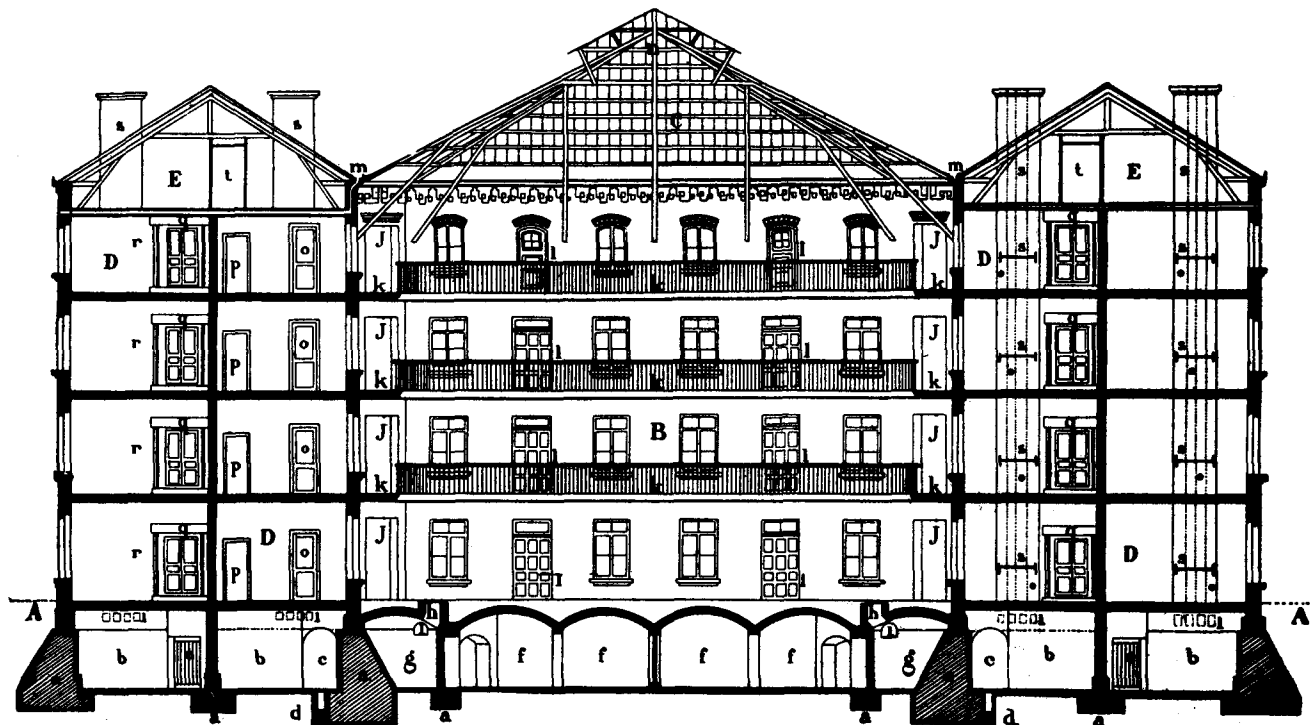


FIG. 5: Corte do corpo central do Familistério de Guisa, Inspirado no Falanstério de Fourier, publicado por Godin em 1870

A, porão; B, pátio; C, clarabóia; D, habitações; E, águas-furtadas; a, fundações; b-g, porões; h-i, condutores de ventilação; k, galerias; 1, portas das habitações; m, calhas de águas pluviais; n, torres de ventilação; o-s, distribuição interior das habitações; t, galerias das águas-furtadas



níveis enquanto um manual de receitas dogmáticas para as agônias sociais, e nem sempre foram guia de todas as revoluções modernas.

É por isso que os utopistas sempre renascem, como Prometeu, em épocas de crise. Surgiram exatamente na crise da cidade grega, na crise do Renascimento, na crise do pensamento europeu do século passado, na crise mais recente do capitalismo contemporâneo. E todos eles indicaram a presença de novas forças sociais. Para não ir muito longe, por exemplo, os utopistas do século passado indicaram exatamente a necessidade de participação de novas camadas sociais e particularmente da classe operária na construção de uma nova sociedade. Este ressurgimento permanente da utopia indica, sem dúvida, **a necessidade da reflexão da vida como ela é e como deveria ser**, uma busca contínua sobre novas formas de vida e novas formas para as relações entre os homens e a natureza. Neste sentido, o utopismo é uma luta eterna do homem contra sua própria alienação, isolamento, desespero e pessimismo.

A utopia, assim, abarca todos os espaços, tempos e homens, dependendo fundamentalmente de sua ação para a sua concretude jamais alcançável. Nesse caso, ela deixa de ser fantasia para se tornar meta estratégica, recolocando a esperança na luta pela liberdade e desmistificando o pensamento ideológico enquanto pensamento libertário em si próprio.

Imaginemos, assim, *"o caminho do socialismo indo da ciência à utopia e não apenas da utopia à ciência"*<sup>8</sup>, o que não significa o abandono e sim o reforço à prática cotidiana da luta por uma nova sociedade, por uma nova cidade, a partir de um projeto político onde não haja a exploração do homem pelo homem, onde não haja pobreza de corpo e espírito, onde não se configure a alienação e o pessimismo, onde o medo e a violência não transformem o homem em inimigo de si próprio e da terra que o abriga, onde o sonho e a felicidade sejam as palavras-de-ordem. Por conseguinte, a utopia morreu? Viva a utopia!

## NOTAS

(1) As conclusões sobre o discurso científico de diferentes disciplinas foram extraídas da avaliação bibliográfica de minha dissertação de mestrado, apresentada ao Mestrado em Ciências Sociais da UFBA, em 1988, sob o título *Conceição e Pilar, freguesias seculares do centro econômico e do porto de Salvador no século XIX*.

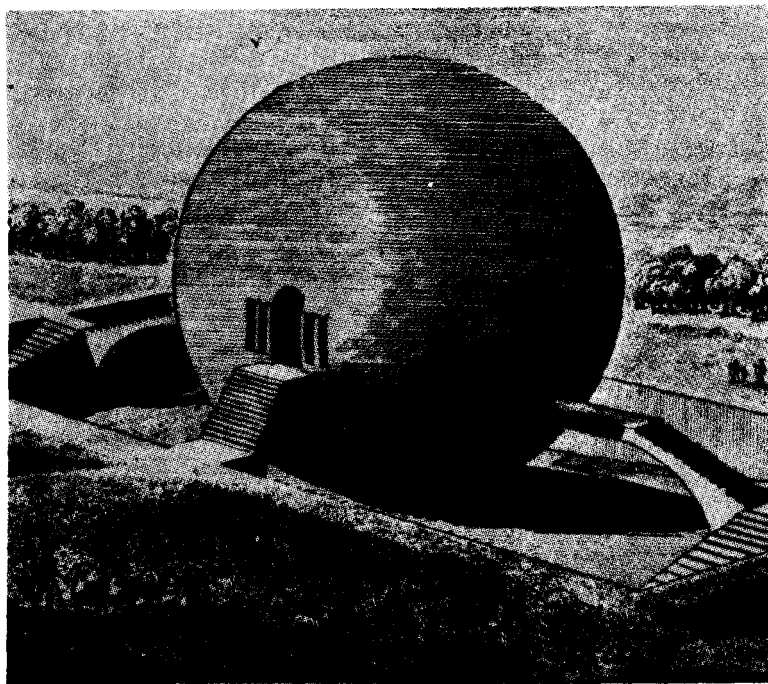


FIG. 6: Alojamento para guardas agrícolas, de C.N. Ledoux, em 1806

Biblioteca Nacional de Paris

(2) O tema da utopia é desenvolvido por Ernest Bloch em "Princípio de esperança" e retomado no texto sobre "O espírito da utopia" (*Geist der Utopie*), sem tradução em português.

(3) Cioran, E.M., *Histoire et utopie*, apud Szacki, Jerzi, *As utopias ou a felicidade imaginada*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968. Epígrafe.

(4) Duveau, George apud Petitfils, Jean-Christian, *Os Socialismos utópicos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

(5) Cesar Waldo. Resenha crítica sobre socialismo utópicos. *Encontros com a Civilização Brasileira*; Rio de Janeiro, (5): 284, nov. 1978. Esta resenha de Waldo Cesar, sociólogo e jornalista, é uma das principais fontes deste artigo, no que se refere à utopia.

(6) Sánchez Vásquez, Adolfo. Do socialismo científico ao socialismo utópico. *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, (14):95-114, ago. 1979.

(7) *Ibid.*, p. 135.

(8) Bloch apud Petitfils, op. cit., p. 151.